



ARTIGOS - ARTICLES

Um conhecimento de formação:
Alice Piffer Canabrava geógrafa (1935-1974)

Otávio Erbereli Júnior¹
Universidade de São Paulo
oerberelijr@usp.br

Como citar este artigo: Erbereli Júnior, Otávio. “Um conhecimento de formação: Alice Piffer Canabrava geógrafa (1935-1974)”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº11, pp. 63-93. 2021. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa:

Resumo: Alice Piffer Canabrava (1911-2003) ingressou no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP) em 1935. Naquele momento as várias cadeiras da subseção de Geografia e História contavam com a presença de professores franceses. Dentre estes, destacamos aqui Pierre Monbeig, geógrafo de orientação vidaliana, fundamental na institucionalização da moderna geografia no Brasil. Objetivamos demonstrar como a tradição geográfica francesa está presente em grande parte da produção de Alice Canabrava, fruto de um momento ímpar do ofício de historiador no Brasil: sua profissionalização nas Faculdades de Filosofia, com uma concepção historiográfica que incorpora a contribuição dos estudos geográficos. Ademais, ao comentar a obra de Capistrano de Abreu em 1974, Canabrava também mobiliza seus conhecimentos em geografia alemã.

Palavras-chave: Alice Piffer Canabrava. História da historiografia brasileira. História do pensamento geográfico.

A formative knowledge: Alice Piffer Canabrava geographer (1935-1974)

Abstract: Alice Piffer Canabrava (1911-2003) joined into the school of Geography and History into the Faculty of Philosophy, Sciences and Letters (FFCL) of São Paulo's University in 1935. In that moment the several chairs of

¹ Otávio Erbereli Júnior é doutor em História Econômica (FFLCH/USP), com tese premiada pela SBTHH, edição 2020. Foi responsável pela organização do Fundo Alice Piffer Canabrava do Arquivo IEB/USP. Atualmente realiza estágio de pesquisa pós-doutoral no IEB/USP e no Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani” (FFyL/UBA). Email: oerberelijr@usp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9336533897821410>

Geography and History subsection's counted with the presence of french professors. Among these, we highlight here Pierre Monbeig, vidalian-oriented geographer, fundamental on the foundation of modern Geography at Brazil. We aim to demonstrate how the French geographical tradition have been present in great part of Alice Piffer Canabrava's production, product of a particular moment in the historian craft at Brazil: his professionalization in the Faculties of Philosophy, with a historiographical conception that incorporates the contribution of geographical studies. Moreover, commenting the Capistrano de Abreu's working in 1974, Canabrava also mobilizes her knowledge on german geography.

Keywords: Alice Piffer Canabrava. History of brazilian historiography. History of geography thought.

Introdução

Tanto o professor Monbeig quanto o professor Braudel eram pessoas que conquistavam os estudantes, conquistavam intelectualmente. Quando acabei o curso não desejava outra coisa a não ser, ser... Não tinha bem ideia do que queria ser, se eu seria geógrafa ou seria historiadora. Na realidade eu tinha estudado muito mais geografia do que história (CANABRAVA, 1981)².

Neste artigo objetivamos demonstrar como Alice Piffer Canabrava mobilizou a tradição de estudos geográficos em sua produção. Para tanto, faz-se *mister* analisarmos suas principais referências e contatos durante seu período formativo (1935-1937) no curso de Geografia e História da FFCL/USP. Neste sentido, a presença dos assim chamados mestres franceses da geografia adquire aqui grande relevância. Através do “Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras” da USP, pudemos ter acesso aos programas da cadeira de Geografia, bem como aos textos de alguns de seus regentes. Daremos destaque a Pierre Monbeig, uma vez que este geógrafo foi o regente da cadeira de Geografia durante todo o período formativo de Canabrava. Assim, poderemos

² Essa entrevista foi realizada no Museu da Imagem e do Som de São Paulo, como parte integrante da série “Estudos Brasileiros”, coordenada por Ernani da Silva Bruno em 30/09/1981. Esta é a parte inicial da entrevista, onde o coordenador solicita à Alice Canabrava que inicie com alguns dados biográficos. Participaram como entrevistadores: Oracy Nogueira, José Ribeiro de Araújo Filho e Flávio Azevedo Marques de Saes. Sobre a escolha dos entrevistadores, a historiadora afirma que a mesma não se constitui em acaso, uma vez que para ela José Ribeiro Araújo Filho remete-a a Pierre Monbeig e Flávio Saes, da equipe de história econômica da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), é considerado “o membro mais brilhante da equipe e no qual eu deposito as minhas maiores esperanças”.

ter claro que os principais conceitos, noções, temáticas, abordagens e geógrafos presentes em sua produção foram apresentados a ela durante seus anos de formação.

Além dos geógrafos que Canabrava tomou contato na cadeira de Geografia, ela demonstrou profundo conhecimento da tradição de estudos geográficos alemã ao comentar a mobilização da geografia nos textos do historiador João Capistrano de Abreu.

Ao perpassarmos seus textos no período recortado – 1935 é o ano em que a historiadora ingressou no curso de Geografia e História da FFCL/USP e 1974 é a data em que realiza sua última análise acerca da obra de Capistrano de Abreu, já como catedrática da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP – perceberemos que a geografia foi uma constante em sua produção e que a dúvida entre ser geógrafa ou historiadora – retratada em depoimento da autora, utilizado como epígrafe a este artigo – foi solucionada por meio de uma escrita da história em que a geografia se fez presença.

O artigo encontra-se sistematizado em três seções além desta introdução: “Alice Piffer Canabrava e o método geográfico”; “Geografando Capistrano de Abreu” e “Considerações finais”.

Alice Piffer Canabrava e o método geográfico

Em artigo escrito por Alice Piffer Canabrava e Maria Celestina Teixeira Mendes Torres³, publicado em 1938 na *Revista do Arquivo Municipal* com o título “A Região de Piracicaba”, a vinculação institucional das autoras se apresenta da seguinte forma: “(alunas de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo)” (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 275).

A primeira produção textual da historiadora é um artigo em que se auto intitula aluna do curso de Geografia da FFCL/USP. Quando de sua fundação em 1934, a FFCL, dentre suas várias seções e subseções, agrupava em sua II

³ Maria Celestina Teixeira Mendes Torres foi colega de curso de Alice Canabrava, sendo que no período entre 1947-1948 foi também sua assistente na FCEA/USP. Foi especialista na história dos bairros de São Paulo e de Piracicaba (ARRUDA, 2011, p. 38). Este mesmo texto foi publicado sem alterações em: ARRUDA, 2014, p. 97-165. As duas amigas se corresponderam por toda a vida e se tratavam por Mariinha e Alicinha. A troca epistolar entre elas está disponível para consulta no Fundo Alice Piffer Canabrava do Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

seção de Ciências a V subseção, de Geografia e História. Assim, os cursos de Geografia e História nasceram integrados e foram separados em 1956.

A partir do *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935*, Diogo da Silva Roiz, em sua dissertação acerca do processo de institucionalização da História no ensino superior em São Paulo, especificamente na USP (1934-1956), elabora quadro onde constam todas as disciplinas do curso. Geografia, assim como História da Civilização, estava presente nos três anos de curso (ROIZ, 2004, p. 73). Como Canabrava ingressou no curso em 1935, no ano de 1938, quando publicou o referido artigo, já havia se formado e era assistente da cadeira de História da Civilização Americana, cujo regente era Paul Vanorden Shaw, que chegara da Universidade de Columbia em 1936. Tivemos acesso ao Memorial de Canabrava para o concurso da cadeira de História da Civilização Americana, ocorrido na FFCL/USP em 1946⁴. Nele, encontramos um dado bastante elucidativo acerca desse artigo sobre a região de Piracicaba:

Como estudante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a candidata percorreu em viagens de pesquisas a região de Piracicaba e municípios vizinhos. Entre os trabalhos efetuados pela candidata durante o período que seguiu o curso de Geografia e História, a candidata menciona este, particularmente, sobre a área que tem Piracicaba como centro (PROCESSO, 1946, memorial).

Em primeiro lugar, queremos destacar o fato de que o artigo foi escrito ainda quando era aluna do curso, ou seja, entre 1935 e 1937. Em segundo lugar, Canabrava menciona o fato de que o artigo é fruto de viagens de pesquisa, onde percorreu a região de Piracicaba.

Um primeiro olhar para o título do artigo evidencia uma importante escolha atinente ao ofício de geógrafo, qual seja: o recorte espacial, ou em outras palavras, a escala de análise regional. Essa escala também é privilegiada em sua tese de doutoramento defendida em 1942 na FFCL/ USP, “O Comércio Português no Rio da Prata (1580-1640)”, e publicada no “Boletim XXXV” da cadeira de História da Civilização Americana. Na apresentação, escrita por Astrogildo Rodrigues de Mello, em julho de 1943, posto que Paul

⁴ Esse concurso é emblemático das barreiras de gênero enfrentadas pela mulher na incipiente vida acadêmica brasileira quando intentava alçar ao posto mais alto, a cátedra. Mesmo obtendo as maiores notas, Alice Canabrava foi preterida por ser mulher. Ver: ERBERELI JÚNIOR, 2016.

Vanorden Shaw havia retornado à Universidade de Columbia, ele destaca que o estudo apresentado se trata de uma monografia (MELLO, 1944, p. VII). Este mesmo dado é também apontado por Afonso Taunay no prefácio à tese (TAUNAY, 1944, p. IX).

A abordagem regional e monográfica é destacada por Alice no artigo intitulado “Ensaio Bibliográfico sobre as Bandeiras”, publicado em 1944. Nele, após percorrer toda a historiografia que trata deste movimento desde o século XVI, ela demarca o mérito de alguns trabalhos sobre o “bandeirismo”, exatamente por fazerem uso da abordagem regional e monográfica, tendo rendido, por isso, melhores frutos (CANABRAVA, 1944a, p. 12).

Em sua tese para o concurso da cadeira de História da Civilização Americana de 1946, “A Indústria do Açúcar nas Ilhas Inglesas e Francesas do Mar das Antilhas (1697-1755)”, ela também escolhe a escala regional como recorte espacial privilegiado. Em prefácio escrito especialmente para a publicação da tese em livro, ela afirma se tratar de um estudo cujo enfoque é a região produtora de açúcar conhecida como o “Mediterrâneo Americano” (CANABRAVA, 1981, p. 13). A escala regional também é privilegiada em sua tese para a cadeira de História Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FCEA) da USP, “O Desenvolvimento da Cultura do Algodão na Província de São Paulo (1861-1875)”, apresentada em 1951⁵. Mesmo que no prefácio não se refira explicitamente à escala regional, seu recorte espacial é dado pela então Província de São Paulo (CANABRAVA, 2011, p. 71-72).

Se nos atentarmos para o conteúdo da cadeira de Geografia, poderemos compreender melhor a utilização da escala regional em seus vários trabalhos. No *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1936*, publicado em 1937, temos todo o conteúdo programático da cadeira. Em 1936, seu segundo ano de graduação, a cadeira estava sob a regência de Pierre Monbeig. Monbeig chegara em 1935 à FFCL para reger a primeira cadeira da subseção de

⁵ A primeira edição desta tese foi publicada em 1951 pela Indústria Gráfica Siqueira e a segunda pela editora T. A. Queiroz em 1984. No ano de 2011, dentre os inúmeros trabalhos da historiadora, essa tese foi escolhida para ser republicada por conta de uma dupla comemoração: se viva estivesse Alice Piffer Canabrava completaria 100 anos de idade e neste mesmo ano, completaram-se 50 anos de fundação da atual Associação Nacional de História (ANPUH), fundada em 1961 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, por vários professores, dentre os quais figura Alice Canabrava. Sobre a ANPUH, ver: GLEZER, 2011. SILVA, 2014.

Geografia e História, ou seja, a cadeira de Geografia Física e Humana, além de substituir Pierre Deffontaines, que por sua vez fora convidado, em 1934, para fundar uma cadeira de Geografia Humana na recém-criada Universidade do Distrito Federal (UDF) no Rio de Janeiro⁶.

No programa da cadeira, no tópico “Geografia Humana”, podemos ter clareza quanto à importância da escala regional para a geografia, pois nele o estudo regional é definido como “trabalho essencial do geógrafo” (ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1936), 1937, p. 252). Monbeig advoga a favor da criação de um curso de geografia regional, onde se estudariam as diversas porções do globo terrestre, em especial a América do Sul. Para ele, somente os estudos regionais podem fornecer o rigor metodológico que um geógrafo deve dominar:

[...] mas uma geografia unicamente geral não é toda a geografia: o estudante, depois de estudar, durante três anos, exclusivamente os fatos gerais, não terá chegado a adquirir a disciplina de espírito, o método de trabalho e o rigor que os estudos regionais lhe poderiam proporcionar (MONBEIG, 1937, p. 107).

Monbeig estruturou vários cursos de geografia regional. No *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1937-1938*, 1938, um tópico da cadeira de Geografia Humana trata dos estudos regionais: “[...] os estudos regionais serão consagrados à América do Sul, à África do Sul, à Austrália, ao próximo e extremo Oriente” (ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1937-1938), 1938, p. 322). Monbeig refletiu sistematicamente acerca da abordagem regional. Um destes estudos foi mobilizado por Alice em sua tese de cátedra de 1951. Trata-se do texto intitulado “A divisão regional do Estado de São Paulo” (MONBEIG, 1949). Este texto é um relatório apresentado na “Primeira Assembleia Geral da Associação de Geógrafos Brasileiros” (AGB), ocorrida em Lorena/SP em janeiro de 1946 (MONBEIG, 1946). Nele, Monbeig se apresenta como representante da seção regional de São Paulo, ou seja, leva o consenso dos geógrafos paulistas ao congresso nacional da entidade (AGB). O mote central do relatório é o confronto com a divisão regional do

⁶ Sobre a UDF e a atuação de Pierre Deffontaines no curso de História ver: FERREIRA, 2013, p. 19-33.

Estado de São Paulo proposta pelo Conselho Nacional de Geografia⁷ (CNG). Tendo por base esta divisão, o autor, ao longo do relatório, vai cotejando as modificações propostas pelos geógrafos paulistas. Uma destas propostas de modificação é apropriada por Canabrava, qual seja: situar os municípios da região de Sorocaba – que na divisão regional proposta pelo CNG estariam localizados na região denominada de “Sedimentar Permiana” – na região denominada pelos geógrafos paulistas de “Depressão Paleozóica” (CANABRAVA, 2011, p. 127).

Esta substituição de nomenclatura da região se deu em função de que os geógrafos de São Paulo consideraram que o CNG estava muito afeito à denominação geológica da região, sem levar em conta seus caracteres geográficos, no caso, topográficos. Para os geógrafos paulistas, estaria de bom tamanho se a região fosse simplesmente denominada de Depressão. Contudo, concordaram em manter o termo “Paleozóico” com o fito de que algo de geológico permanecesse – aspecto tão caro ao CNG – uma vez que o período Paleozóico é mais amplo e não deixaria margem para dúvidas. Ademais, os próprios geólogos discordavam quanto à datação das rochas daquela região. Para alguns deles, elas pertenceriam ao período permo-triássico e não ao permiano (MONBEIG, 1949, p. 21).

Geografia era o principal fórum de discussões acerca do saber geográfico. Este periódico foi fundado em 1934, juntamente com a AGB, sendo que sua publicação durou apenas dois anos (CUSTÓDIO, 2012, p. 2). Alice Canabrava fazia parte da AGB desde 1936, seu segundo ano de graduação (PROCESSO, 1946, memorial). As reuniões da entidade eram abertas a todos (SEABRA, 2004)⁸ e incentivava-se principalmente os alunos da FFCL a participarem, dado que a concepção era de que a Associação e seu periódico eram fruto dos esforços de institucionalização da moderna geografia no Brasil (CUSTÓDIO, 2012, p. 88). Exemplo da participação ativa da historiadora nesta Associação encontramos em nota da AGB na seção

⁷ O Conselho Nacional de Geografia (CNG) foi criado em 1937 durante o Estado Novo de Vargas (1937-1945) como órgão pertencente ao IBGE. Era o setor geográfico deste último. Para uma história do IBGE e do CNG ver: ALMEIDA, 2000.

⁸ Temos enquanto participantes, além dos fundadores da AGB (Pierre Deffontaines, Caio Prado Júnior, Rubens Borba de Moraes e Luis Flores de Moraes Rego), Aroldo de Azevedo, Ary França, Claude Levi-Strauss, Emmanuel De Martonne, François Perroux, João Dias da Silveira, José Carlos de Macedo Soares, Maria da Conceição Vicente de Carvalho, Mário Travassos, Nelson Werneck Sodré, Roger Bastide e outros.

“movimento associativo” do jornal *O Estado de São Paulo* de 04 de Março de 1945, onde ela aparece como uma das responsáveis pela redação do Boletim (*O ESTADO DE S. PAULO*, 04 mar. 1945, p. 4). Publicar em *Geografia* significava atingir o “mundo dos geógrafos” também em nível internacional. Sua criação foi recebida com entusiasmo, conforme avaliação do geógrafo estadunidense Preston Everett James (1899-1986), então professor da Universidade de Michigan (*ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1937-1938)*, 1938, p 256).

Desta forma, ao escolher o texto de Deffontaines, Alice optava pelos conhecimentos de um geógrafo fundador da principal associação de geógrafos do Brasil, bem como de seu mais importante periódico. Este é o primeiro texto em que se intenta uma divisão regional para o Estado de São Paulo. Ela se apropriou da caracterização e descrição da região denominada por Deffontaines de “A zona central da Depressão Permiana” (DEFFONTAINES, 1945, p. 1849).

No artigo acerca da região de Piracicaba, a historiadora mobiliza o conceito de “região natural” de Deffontaines, ao afirmar que a região enfocada no estudo não se constitui em uma região natural, ou seja, a região de Piracicaba não apresentaria homogeneidade em seus componentes físicos (relevo, vegetação, clima etc), sendo apenas parte de uma região natural mais ampla (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 275). Este conceito de região natural foi formulado pela geologia, e trazido para a geografia por Lucien Gallois (1857-1940) e desenvolvido por Paul Vidal de La Blache⁹, fundador da moderna geografia na França¹⁰. No relatório supracitado, apresentado por

⁹Paul Vidal de La Blache (1845-1918) é o principal expoente da Escola Geográfica Francesa, surgida no âmbito da institucionalização do ofício de geógrafo na França. Sobre Paul Vidal de La Blache ver: LIRA, 2012.

¹⁰ A constituição do que se convencionou chamar de moderna Geografia na França se deu pela institucionalização do ofício de geógrafo nas universidades francesas em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. Além da fundação de sociedades geográficas, como a Sociedade Geográfica de Paris, a tradição naturalista e dos relatos de viagem, um evento particularmente marcou o esforço de institucionalização desta disciplina: a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) e a consequente perda do território de Alsácia e Lorena, tomados da França por Bismarck. Este processo fez nascer um grande sentimento de revanchismo na França e inspirou os alemães recém-unificados a continuarem em seu intento expansionista (MORAES, 2007, p. 77). Um dos fatores elencados para justificar a derrota francesa foi o sentimento de que a França estava muito aquém da Alemanha no desenvolvimento científico. Desta forma, a vitória alemã também foi creditada às inspirações estratégistas provenientes da leitura da obra de um dos fundadores da moderna geografia alemã: Friedrich Ratzel (1844-1904). Neste sentido, Paul Vidal de La Blache empreendeu um diálogo com Ratzel, em uma

Pierre Monbeig em 1946 em Lorena/SP, encontramos um consenso dos geógrafos paulistas acerca da definição de região natural, que se fundamenta eminentemente sobre dados da geografia física (MONBEIG, 1949, p. 27). Em texto publicado em 1957, Monbeig dá continuidade a estas discussões acerca da divisão regional de São Paulo e nos fornece definição de região natural:

Uma região natural é uma parte da superfície da terra no interior da qual os diferentes elementos físicos e biológicos, em ação recíproca e inseparáveis, constituem uma unidade. Esta provém da combinação de fatores que resulta, por sua vez, da situação presente e passada dos elementos. Uma região natural, portanto, é um complexo geográfico. Sua individualidade se concretiza na paisagem (MONBEIG, 1957, p. 127).

Porém, não podemos perder de vista que o procedimento engendrado por La Blache ao se apropriar do conceito ou noção de região da geologia foi o de humanizá-la, ou seja, incluir o homem na análise. Desta forma, Monbeig demarca que o homem faz parte da definição de região natural: “O homem se acha integrado no conjunto de fatores que constituem o complexo quer por sua ação direta sobre a cobertura vegetal e os solos, quer indireta pelas mudanças decorrentes da primeira” (MONBEIG, 1957, p. 127).

De acordo com o “Memorial” de Alice Canabrava para o concurso da cadeira de História da Civilização Americana de 1946, ela ficou responsável pela redação das partes do artigo que versam sobre a história do povoamento, da habitação e da população (PROCESSO, 1946, memorial). Na seção que trata da População, a historiadora analisa a formação e características de dois bairros, enquanto modalidade de povoamento rural: o bairro do Pau Queimado e o bairro do Tanquinho (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 313-325). Ela continua com o estudo deste tipo de povoamento rural em sua apresentação no “IX Congresso Brasileiro de Geografia” realizado em 1940 na cidade de Florianópolis. Em sua tentativa de definição do bairro, Alice aponta que se trata, dentre outras características, de povoamento rural localizado entre duas grandes propriedades (CANABRAVA, 1944b, p. 652).

Pierre Deffontaines em sua comunicação denomina as grandes propriedades do Estado de São Paulo, derivadas das primeiras sesmarias, de fazendas e as distingue em dois tipos: fazendas de plantação e fazendas de

tentativa de expurgar de sua obra todo conteúdo explicitamente político, de incentivo à guerra e ao imperialismo. Para a institucionalização da geografia na França e na Alemanha ver: RIBEIRO, 2009.

gado. O bairro é tomado enquanto exceção destas formas de povoamento rural, e sua característica, apontada por Alice, de estar localizado entre duas grandes propriedades aparece em Deffontaines:

Existe outra exceção mais generalizada. Entre as fazendas, ao menos nas suas origens, encontravam-se intervalos que os fazendeiros deixavam sem apropriação a fim de evitar as contestações com seus vizinhos. Aí é que veio instalar-se alguma gente pobre, colonos em retirada ou caboclos. Esse povoamento intercalar forma o que se chama de *bairros*, que se não pode traduzir por vilas ou povoados porque aí temos ainda uma população totalmente dispersa, mas disposta em blocos. Os grandes proprietários viram com bons olhos desenvolverem-se esses bairros que lhes serviam como celeiro de mão de obra nos períodos de excesso de trabalho (DEFFONTAINES, 1947, p. 252).

Essa característica dos bairros de apresentarem população dispersa, também é incorporada por ela em sua caracterização do bairro. “Os bairros constituem zonas de povoamento disperso” (CANABRAVA, 1944b, p. 651).

Ela afirma também que a região de Piracicaba, além de não se constituir em uma região natural, também não é uma “ilha de humanidade” no sentido atribuído por Jean Brunhes¹¹. Esta noção de ilhas de humanidade foi formulada pelo geógrafo em sua obra de 1910, “A Geografia Humana”, onde as ilhas eram vistas como um *locus* privilegiado de análise, que poderia ser extrapolado para a análise de regiões de maior complexidade. O que há de comum no conceito de região natural e na noção de ilhas de humanidade é a busca por elementos homogêneos que dotem cada região de uma unidade. No curso de Geografia Humana, ministrado por Pierre Monbeig, Jean Brunhes e seu “A Geografia Humana” era leitura obrigatória (ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1936), 1937, p. 253).

Como afirma Alice Canabrava em seu “Memorial”, o artigo sobre a região de Piracicaba é originário de viagens de pesquisa à região de Piracicaba e municípios vizinhos. Logo no primeiro parágrafo do texto, as autoras destacam que o artigo é fruto de um estudo geográfico *in loco*. As excursões geográficas ou pesquisas de campo constituem-se em um elemento muito caro a todos os

¹¹ Jean Brunhes (1869-1940) foi um dos principais geógrafos a desenvolver as teses vidalianas, tendo formulado sua própria noção de objeto (MORAES, 2007, p. 85-86). Foi também responsável por uma tentativa de aproximação entre geografia e psicologia (OZOUF-MARIGNIER, 2006, p. 64-65). As principais obras de Jean Brunhes são: BRUNHES, 1910. BRUNHES; VALLAUX, 1948.

geógrafos de inspiração vidaliana¹². Sendo assim, não foi diferente com os primeiros regentes da cadeira de Geografia da FFCL/USP: Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig e o especialista em geografia física, Emmanuel De Martonne.

No primeiro programa da cadeira de Geografia Física e Humana elaborado por Monbeig em 1935, ele afirma que “[...] constarão excursões geográficas e trabalhos práticos” (ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1934-1935), 1937, p. 281). Ele concede tamanha importância às excursões no ofício de geógrafo que sugeriu que no orçamento da FFCL fosse destinado certo montante a estes trabalhos de campo. “[...] a Faculdade poderia prever no seu orçamento uma verba destinada às excursões geográficas [...]” (MONBEIG, 1937, p. 111).

Para o ano de 1936 a tônica quanto às excursões permanece, posto que um tópico do programa de “Exercícios práticos” da cadeira trata exatamente de “excursões”.

(a participação dos estudantes nas excursões é sempre facultativa, seja porque elas têm lugar ao domingo, seja porque o número dos participantes é limitado). Em 1936, as principais excursões foram: ascensão ao Jaraguá e explicação da paisagem, visita aos trabalhos da construção da linha Mayrink-Santos, com a colaboração do dr. Teodoro Knecht (Comissão Geográfica e Geológica), visita aos trabalhos da Cia. Light and Power. Alguns estudantes efetuaram investigações precisas; é assim que os alunos do 2º ano estudaram a região de Piracicaba [...] (ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1936), 1937, p. 255-256).

Certamente o artigo sobre a região de Piracicaba é resultado de um exercício de campo promovido por Pierre Monbeig. O contato com o engenheiro Theodoro Knecht, da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, também foi muito útil às autoras na confecção do artigo, uma vez que ao final do mesmo, após a bibliografia, há uma nota em que agradecem

¹² A excursão geográfica é um recurso metodológico extremamente caro à Escola Geográfica Francesa, uma vez que a observação *in loco* permitiria ao geógrafo descrever as características físicas do espaço com maior precisão. Para o geógrafo de orientação vidaliana, somente se pode descrever certo espaço porque se esteve lá; porque se viu (RIBEIRO, 2008, p. 81). Com seu olhar “treinado” conseguiria apreender as características da topografia, do solo e relacionar tudo isso à ocupação humana. O geógrafo, por isso, seria um profissional de campo. Jean Brunhes afirma que o geógrafo teria um olhar diferenciado e específico, que o distinguiria de outros profissionais de ofício. À seguinte pergunta: “Em que consiste o espírito geográfico?”, teria respondido: “Quem é geógrafo sabe abrir os olhos e ver. Não vê quem quer.” Nas palavras do próprio La Blache: “A Geografia distingue-se como ciência essencialmente descritiva”.

a Knecht¹³. “A maioria das informações foi colhida na própria região. Em São Paulo, devemos à gentileza do dr. Teodoro Knecht, informações verbais acerca de Geologia [...]” (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 328). Além de utilizarem seu texto intitulado “Os minerais e minérios do Estado de São Paulo” (KNECHT, 1934).

Pierre Monbeig é recorrentemente rememorado por Alice, principalmente em relação às excursões geográficas:

Excelente professor, Pierre Monbeig nos revelava a nova Geografia; a exposição muito clara, soberbamente ilustrada com mapas e projeções [...]. Guiados pelo professor, realizávamos, amiúde, excursões que, não raro, ultrapassavam as fronteiras do estado, para estudar ao vivo a paisagem – a síntese dos fenômenos geográficos. Apesar das fadigas da viagem em ônibus pouco confortáveis, o subir e descer de morros, o acompanhamento a pé do traçado dos rios, os percursos pelas cidades para entender o desenvolvimento do núcleo urbano, as viagens foram sempre vividas com muita alegria. Sobretudo, aprendíamos a observar, com as explicações *in loco*, e nos preparávamos para a pesquisa geográfica, sem o saber especificamente. [...] Excursões inesquecíveis que começaram com a ascensão do morro do Jaraguá para o estudo da paisagem paulistana [...] (CANABRAVA, 2005, p. 27-28).

A importância das excursões geográficas e dos trabalhos de campo também foi destacada por Emmanuel De Martonne durante sua estadia na FFCL/USP entre 1936 e 1937. Certamente Canabrava pôde tomar parte em seus cursos e aprimorar seus conhecimentos em geografia física. “*Ces Excursions ne peuvent être laissées a la charge des élèves, et dès crédits assez importants doivent être prévus pour leur réalisation [...]*” (DE MARTONNE, 1938, p. 121).

A presença de Emmanuel De Martonne rendeu bons frutos, uma vez que a cadeira de Geografia no ano de 1938 aparece desdobrada em Geografia Física e Geografia Humana, como tanto insistira Pierre Monbeig (MONBEIG, 1937, p. 110). Para De Martonne,

[...] Il est nécessaire que les deux aspects de la géographie, physique et humaine, soient également présentes aux étudiants. Pour cela un Seul Professeur, dans une Faculté telle que celle de São Paulo, est insuffisant. La chose a été déjà comprise, puisqu'on prévoit pour l'année prochaine une seconde chaire de Géographie (DE MARTONNE, 1938, p. 120).

De Martonne também era leitura obrigatória no curso. No curso de Biogeografia, presente nos três anos da cadeira de Geografia, seu *Traité de*

¹³ Teodoro Knecht foi um dos frequentadores da AGB e também um dos geólogos da “Comissão Geográfica e Geológica do Estado”, à qual Aroldo de Azevedo atribuiu grande papel no que chamou de “pré-história” da geografia paulista, ou seja, antes da criação da FFCL (AZEVEDO, 2005, p. 60).

Géographie Physique, foi leitura obrigatória, especialmente em relação à classificação dos domínios botânicos formulada por ele e também em geografia humana (ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1936), 1937, p. 252). Todo o curso de Geografia Física estava baseado em seu tratado. “Os principiantes deverão saber a fundo l’abrégé de Géographie Physique de De Martonne. Em seguida, termina-se o curso pelo primeiro tomo do tratado de Geografia Física do mesmo autor [...]” (ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1937-1938), 1938, p. 326).

Em sua tese de doutoramento, ao caracterizar o clima das Províncias do Rio da Prata e de Tucumán, Alice identifica suas zonas mais secas a partir de um texto de De Martonne em que ele analisa as regiões secas da América do Sul (CANABRAVA, 1944, p. 7-8). O artigo de De Martonne, publicado em 1935 nos *Annales de Géographie*, é ricamente ilustrado com fotos e cartas, principalmente cartas hidrográficas e pluviométricas, apresentando como os rios da região eram caracterizados por grandes depósitos de sal e areia; seu processo de erosão pelo movimento do solo, bem como o nível das chuvas no topo da Cordilheira dos Andes (DE MARTONNE, 1935). Em 1937, De Martonne proferiu uma conferência na FFCL intitulada “As Regiões Áridas da América do Sul”. Em sua exposição, analisou a região da América do Sul de acordo com três itinerários. “O segundo itinerário passando por Buenos Aires, mostra exatamente o contrário. O pampa sem árvores, torna-se mais árido ainda ao pé dos Andes, perto de Mendoza” (DE MARTONNE, 1938, p. 70-71). Alice caracteriza a região seca em relação à sua vegetação, à maneira de De Martonne (CANABRAVA, 1944, p. 8).

A importância concedida às excursões geográficas ou ao trabalho de campo, pode ser melhor compreendida quando temos claro o método de análise geográfica proposto por Paul Vidal De La Blache e que foi trazido pelos primeiros regentes da cadeira de Geografia da FFCL/USP.

La Blache propôs o seguinte encaminhamento para a análise geográfica: **observação de campo** [grifo nosso], indução a partir da paisagem, particularização da área enfocada (em seus traços históricos e naturais), comparação das áreas estudadas e do material levantado, e classificação das áreas e dos gêneros de vida, em “séries de tipos genéricos” (MORAES, 2007, p. 84).

A observação de campo permite ao geógrafo outro passo de grande importância em sua análise, qual seja: a descrição. Somente se pode descrever

porque se esteve em campo, porque se viu com os próprios olhos. Nas palavras de La Blache, “A Geografia distingue-se como ciência essencialmente descriptiva”. Esta descrição, porém, não é uma descrição por si mesma, que conduziria a um mero descriptivismo. “[...] longe do descriptivismo e do empirismo, descrever era uma espécie de descoberta: em suas viagens, o geógrafo coletava informações e as apresentava como novidade, divulgando as feições da superfície terrestre e os contrastes físicos, sociais e culturais entre os espaços” (RIBEIRO, 2008, p. 83).

No prefácio de sua tese de doutoramento escrito por Afonso Taunay, ele destaca a descrição apurada da autora. “Da pequena Buenos Aires quinhentista dá-nos descrição rica de pormenores [...]” (TAUNAY, 1944, p. x). A importância conferida por Canabrava à descrição pode também ser encontrada em seu artigo de 1944 sobre as bandeiras. Ela perpassa todas as obras que trataram do movimento de ocupação das terras brasileiras e suas vias de comunicação desde o século XVI. Detendo-se sobre a obra de Antonil, “Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas”, destaca sua importância no que tange à observação direta, ou seja, o fato de Antonil ter estado *in loco*; sua preocupação em descrever minuciosamente a técnica de cultivo da cana de açúcar – a técnica é um importante objeto de análise do geógrafo e Alice se baseou predominantemente em Antonil para analisar a técnica de fabrico do açúcar nas Antilhas –, bem como a indústria do açúcar, da cultura do tabaco, das técnicas de exploração do ouro. “Nenhuma obra da época colonial supera a de Antonil em exatidão e objetividade, como nenhum autor, mais do que ele, teve **gosto de descrição minuciosa** [grifo nosso], feita em linguagem simples, clara e desapaixonada” (CANABRAVA, 1944a, p. 12).

Além da descrição, outro importante componente do método vidaliano é a comparação¹⁴. No artigo de 1938, Canabrava e Maria Teixeira Mendes Torres incluem a cidade de São Pedro no estudo, para salientar as características distintas em relação à Piracicaba (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 277). Dessa forma, as autoras estavam seguindo Monbeig que atribui grande importância ao estudo de regiões que apresentam características diferenciadas entre si. “[...] é somente quando conhece a fundo os traços

¹⁴ A comparação possui papel fundamental na análise vidaliana (MORAES, 2007, p. 84). É a descrição que permite ao geógrafo utilizar-se do recurso comparativo.

característicos de regiões nem sequer análogas, **mas extremamente diferentes** [grifo nosso], que o estudante está em condições de realizar, por si próprio, trabalhos que lhe permitam enriquecer os conhecimentos geográficos de sua terra natal” (MONBEIG, 1937, p. 108).

Também intentam comparar o “desenvolvimento” da produção de açúcar com a produção de café (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 285). Quando tratam do “Regime Agrário”, fazem questão de destacar que a estrutura da terra na região é marcada pela pequena propriedade em oposição aos grandes latifúndios das antigas zonas cafeeiras (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 299). Comparam as casas das colônias de café e das colônias de cana (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 306). A Estrada de Ferro Paulista e a Estrada de Ferro Sorocabana são colocadas em contraste (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 306). No texto de 1944 para os Anais do Congresso de geógrafos, Alice compara a formação de dois bairros (CANABRAVA, 1944b, p. 651): o bairro do Tanquinho e o bairro do Pau Queimado.

Na tese de 1946, sempre que lhe é possível, a historiadora compara algum dado das ilhas antilhanas com o Brasil. Neste sentido, ela lança mão da comparação entre os rios formados nas Pequenas Antilhas, e os rios do Nordeste brasileiro, citando Gilberto Freyre.

Se passarmos às áreas elevadas das Pequenas Antilhas, a maior parte dos rios que se precipitam das montanhas, quase secos durante parte do ano, verdadeiras torrentes na estação chuvosa, estão longe de apresentar os aspectos dos pequenos rios nordestinos tranqüilos de que nos fala Freyre, propícios aos homens e fecundos para as culturas (CANABRAVA, 1981, p. 64).

Alice Canabrava também compara o nordeste brasileiro com as Índias Ocidentais, uma vez que a cultura pioneira de cada uma destas regiões foi diferente (CANABRAVA, 1981, p. 71). Quanto às possibilidades de navegação nas Antilhas, ela estabelece comparação com o território brasileiro.

Da precariedade de condições propícias ao desenvolvimento da vida marítima nas Antilhas e da falta de correntes fluviais navegáveis resulta uma situação, quanto aos meios locais de transportes, aparentemente paradoxal; as ilhas funcionam como continente, enquanto o Brasil, dada a riqueza da rede hidrográfica, com amplas possibilidades à navegação, funciona como ilha (CANABRAVA, 1981, p. 200).

Ao compreender o Brasil como uma ilha a historiadora se inspira na leitura de “Geografia Humana do Brasil” de Pierre Deffontaines:

O país se apresenta sem dúvida como uma massa continental tão larga quanto longa, não obstante, é essencialmente uma costa, uma praia; esta nação-continente comporta-se como uma ilha. Só é abordada pelo mar e só do lado do mar fica a fachada verdadeira e útil. As fronteiras continentais são na verdade quase iguais em extensão às fronteiras marítimas, mas em muitos trechos só recentemente foram fixadas e atravessam regiões florestais ou pantanosas (DEFFONTAINES, 1939, p. 50).

Cabe discorrer um pouco mais acerca da leitura realizada por Alice desta tese de Deffontaines. Ao compreender o Brasil como uma ilha a autora se pauta no entendimento de que as comunicações são quase totalmente efetuadas por vias hidrográficas e, por comparação, as Antilhas, cercadas por águas do mar e por isso tratadas como ilhas, do ponto de vista das comunicações, poderiam ser consideradas um continente, uma vez que as comunicações internas são eminentemente terrestres.

A partir da observação *in loco*, o geógrafo deve descrever; para depois, então, comparar. A partir da comparação, ele deve fazer uso da classificação. Em seu texto acerca das chácaras na cidade de São Paulo, apresentado na “V Assembléia Geral da AGB” de 1949 ocorrida em Belo Horizonte, Alice as classifica em quatro tipos, a partir de anúncios de jornal estudados para o período 1885-1890. A classificação adotada leva em consideração os usos do solo (CANABRAVA, 2005a, p. 236-237). No artigo sobre a região de Piracicaba, quando analisam o “Regime Agrário”, ou seja, a extensão da propriedade, lançam mão da classificação em alqueires. “Dentro de nossa região, quais os limites da pequena, média e grande propriedade? Aceitando o critério de Caio Prado Júnior, podemos considerar, em Piracicaba, a pequena propriedade até 25 alqs., a média até 100, e a grande de mais de 100 alqs.” (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 302). A referência a Caio Prado Júnior¹⁵ é extraída de artigo publicado em 1935 na revista *Geografia*, sob o título de “Distribuição da propriedade fundiária rural no Estado de São Paulo”. Neste texto, Caio Prado intenta substituir o critério oficial de repartição da

¹⁵ Na seção de Geografia e História da FFCL, Caio Prado Jr. (1907-1990) figura como aluno matriculado em 1934 (ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1934-1935), 1937, p. 331). Sobre os anos de Caio Prado Júnior na FFCL ver: MARTINEZ, 2008, p. 163-218. Sobre Caio Prado Júnior como geógrafo ver: IUMATTI; SEABRA; HEIDEMANN, 2008. Para uma trajetória intelectual de Caio Prado: IUMATTI, 2007.

propriedade rural determinado pela Diretoria de Estatística da Secretaria da Agricultura, que dividia a propriedade rural em oito categorias, por apenas três: pequena, média e grande (PRADO JR., 1945, p. 692)¹⁶. Mesmo que nenhuma referência a Caio Prado Júnior tenha sido encontrada nos programas da cadeira de Geografia da FFCL, certamente Alice teve contato com seus textos enquanto participava das reuniões da AGB.

Caio Prado Júnior também aparece em sua tese de cátedra de 1951. Ao dissertar acerca das “limitações à expansão da cultura algodoeira”, um dos fatores elencados é a dificuldade de transporte da produção até a Praça de Santos. O único município que não apresentava problemas de comunicação era Sorocaba (CANABRAVA, 2011, p. 163). O texto de Caio Prado Júnior citado por Canabrava neste ponto é “O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo” publicado em 1935 na revista *Geografia*. Nesse artigo, Caio Prado analisa a posição geográfica privilegiada da região onde se instalou a cidade de São Paulo. Devido à estreiteza da faixa litorânea, por conta da Serra do Mar, os únicos núcleos de povoamento que conseguiram se perpetuar no litoral foram Santos e São Vicente. Em função destas características físicas do litoral de São Paulo, seus primeiros habitantes foram impulsionados ao planalto paulista, onde se fundou a vila de Piratininga. A partir disso, Caio Prado demonstra como São Paulo se constituiu em centro do Estado e como a partir dela se formaram vias de comunicação para outras regiões. Uma destas vias é exatamente a que passava por Sorocaba, citada pela historiadora. Caio Prado, contudo, utiliza-se de uma descrição mais específica que Alice, dado que ela localiza a estrada na “depressão paleozóica” e o historiador, no “terreno permiano” (PRADO JR., 1969, p. 103-104). Paleozóico é um período da escala de tempo geológico que abrange também o período permiano, ou seja, permiana seria uma classificação mais específica.

Outro importante elemento metodológico da geografia vidaliana é a “indução a partir da paisagem” (MORAES, 2007, p. 84). A paisagem é definida por Vidal De La Blache como objeto da geografia¹⁷. “Vidal de La Blache

¹⁶ Trata-se de uma transcrição. O artigo foi publicado originalmente em: PRADO JR., 1935.

¹⁷ Em termos metodológicos, o destaque dado à paisagem transforma a fotografia em um verdadeiro instrumento de pesquisa. Isso pode ser observado nos trabalhos de Vidal de La Blache, Jean Brunhes, Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig, Albert Demangeon, orientador

definiu o objeto da Geografia como a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem. Colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o” (MORAES, 2007, p. 81). No artigo de 1938 a preocupação de Alice Canabrava com a paisagem é constante, demarcando que a região de Piracicaba possuía uma paisagem homogênea. “Como consequência das diversas formações geológicas, os solos são muito variados, o que permite enorme variedade de culturas que vão quebrar a monotonia da paisagem de linhas quase uniformes” (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 280). O homem é o elemento responsável por alterar esta paisagem através da agricultura. Também encontramos esta preocupação com a paisagem em sua apresentação acerca dos bairros no congresso de geógrafos. Para ela, a paisagem é um elemento fundamental para a caracterização destes povoamentos rurais. “As dificuldades para se caracterizar o bairro resulta das diferenças que apresentam entre si: numa mesma região encontram-se bairros de tipos diversos, onde o geógrafo depara com paisagens e aspectos fisionômicos bem diferentes” (CANABRAVA, 1944b, p. 651).

Pierre Deffontaines define geografia humana na perspectiva da paisagem. “Ela pesquisa aquilo que o homem acrescentou à paisagem da Terra, ela estuda o homem como fabricante de paisagem, como transformador da fisionomia terrestre” (DEFFONTAINES, 1943, p. 13). É o que encontramos em sua tese de 1942: a ação humana modifica a paisagem.

Apenas as estepes solitárias, sem árvores, se alongavam pelo horizonte até as proximidades da serra de Córdova. **Essa paisagem**, hoje mal podemos contemplá-la em diminutas frações do território, onde o caráter original da estope ainda se conserva, **longe das regiões trilhadas pelas vias férreas da Argentina moderna**. As associações de gramíneas com os “pastos duros” que crescem sob a forma de altos penachos, (atingindo às vezes até metro e meio de comprimento) emprestam à paisagem um tom amarelado e poeirento, pois somente na primavera, quando brotam, depois das chuvas, têm tom verde. **Apenas nos lugares onde se estabeleceu o homem é que surgiram os perfis das árvores cultivadas que transformaram o aspecto primeiro da paisagem** [grifos nossos] (CANABRAVA, 1944, p. 6).

Quando Pierre Monbeig sugere a separação da cadeira de Geografia em duas, uma de Geografia Humana e outra de Geografia Física, demarca que tal procedimento visava maximizar esforços de ensino, uma vez que ambas teriam

deste último, e Emmanuel De Martonne. Sobre a importância da fotografia para a geografia francesa ver: MENDIBIL, 2006, p. 233-247.

o mesmo objeto de pesquisa, qual seja: a paisagem. “Nenhum geógrafo encara a separação absoluta, que seria nefasta e conduziria tão longe da geografia, como da geologia e da história; geografia humana e geografia física têm um campo de pesquisa idêntico: a terra, a paisagem geográfica” (MONBEIG, 1937, p. 110). Desta forma, podemos perceber que um trabalho de pesquisa de orientação vidaliana deve, necessariamente, analisar a paisagem. É o que faz Alice Canabrava em sua tese de 1946: uma atividade humana, ou seja, o cultivo da cana de açúcar foi o que caracterizou a paisagem das áreas açucareiras da América como um todo. “É inegável a semelhança entre as áreas açucareiras na América, seja na vida econômica e social, como na paisagem geográfica, em virtude da produção única do açúcar, da predominância do latifúndio e da escravidão africana” (CANABRAVA, 1981, p. 13). Em seu pequeno texto de 1949, ela relaciona as mudanças na paisagem das chácaras paulistanas de fins do século XIX para seu período atual – 1949 – a partir das transformações técnicas e dos elementos humanos (CANABRAVA, 2005a, p. 241).

Outro importante componente do método vidaliano diz respeito aos gêneros de vida. A primeira vez que Alice Canabrava operou com o conceito dos gêneros de vida foi em texto sobre as chácaras paulistanas, de 1949, publicado em 1953 (CANABRAVA, 2005a, p. 240). Em capítulo acerca da grande propriedade rural no período colonial, também mobiliza o conceito (CANABRAVA, 2005c, p. 47 e p. 50). Também encontramos os gêneros de vida em seus comentários sobre João Capistrano de Abreu.

Geografando Capistrano de Abreu

A partir destes comentários, pudemos perceber que Alice Canabrava também foi uma profunda conhecedora da moderna geografia alemã. Segundo ela, dentro da vasta gama de conhecimentos mobilizados por Capistrano em seus estudos, o mais presente é a geografia, elevando-o ao pioneirismo em geografia humana.

De tudo, além de sua formidável erudição, ficou o sulco mais profundo na Geografia, quanto aos problemas das relações do homem com o meio. Em *Caminhos antigos e povoamento do Brasil* a abertura das vias e o desbravamento do sertão foram compreendidos numa vinculação estreita com as condições do meio natural. Podemos considerá-la obra entre as pioneiras no campo da Geografia Humana do Brasil (CANABRAVA, 1971, p. 421).

Mesmo sem ser citado, “Caminhos antigos e povoamento do Brasil” consta da bibliografia do artigo de Canabrava e Mendes Torres acerca da região de Piracicaba, posto que uma das temáticas presentes no artigo diz respeito à ocupação e povoamento da região (CANABRAVA; MENDES, 1938, p. 326). Apesar da avaliação elogiosa da historiadora quanto ao pioneirismo do trato geográfico de Capistrano, este não fica imune a críticas, principalmente por não fazer uso do conceito de gênero de vida.

Na vigorosa página, hoje clássica, sobre a época do couro, nos *Capítulos de História Colonial*, pôs em evidência o condicionamento do homem aos recursos do meio, sem elevar-se aos conceitos de gênero de vida, base da problemática em questão, conceito já cunhado por Ratzel e plenamente definido em 1911 por Vidal de La Blache (CANABRAVA, 1971, p. 422).

Ratzel não formulou o conceito de gênero de vida. Provavelmente a historiadora estivesse se referindo ao conceito de “espaço vital” que possui relação com os gêneros de vida.

O espaço vital manifestaria a necessidade territorial de uma sociedade tendo em vista seu equipamento tecnológico, seu efetivo demográfico e seus recursos naturais disponíveis. Seria assim uma relação de equilíbrio entre a população e os recursos, mediada pela capacidade técnica. Seria a porção do planeta necessária para a reprodução de uma dada comunidade (MORAES, 1990, p. 23).

Canabrava não nos forneceu uma definição explícita de gêneros de vida. Podemos derivá-la da conceituação de Vidal De La Blache à que ela faz referência e a de Pierre Monbeig, uma vez que este geógrafo trabalha amplamente com a análise dos diversos gêneros de vida – este era um tópico de seu curso de Geografia Humana (ANUÁRIO da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1936), 1937, p. 253). La Blache, neste texto fundador, analisa vários gêneros de vida em várias regiões do planeta, como regiões tropicais, regiões secas, florestas da Europa, litorais e montanhas. O conceito de gênero de vida é bastante amplo e abrange todos os elementos das relações entre o homem e o meio que propiciam sua reprodução no tempo e no espaço.

Um gênero de vida constituído implica em uma ação metódica e contínua, que age fortemente sobre a natureza ou, para falar como geógrafo, sobre a fisionomia das áreas. Sem dúvida, a ação do homem se faz sentir sobre seu meio desde o dia em que sua mão se armou de um instrumento; pode-se dizer que, desde os primórdios das civilizações, essa ação não foi negligenciável. Mas totalmente diferente é o efeito de hábitos organizados e sistemáticos que esculpem cada vez mais profundamente seus

sulcos, impondo-se pela força adquirida por gerações sucessivas, imprimindo suas marcas nos espíritos, direcionando em um sentido determinado todas as forças do progresso (VIDAL DE LA BLACHE, 2005, p. 114)¹⁸.

Pierre Monbeig considera os gêneros de vida como noção e não como conceito devido à sua grande amplitude. Para ele, Maximilien Sorre¹⁹ esclarece muito bem a noção. “A noção de gênero de vida é extremamente rica, pois abrange a maior parte, senão a totalidade, das atividades do grupo humano. [...] Esse elementos materiais e espirituais são técnicas transmitidas pela tradição, mediante as quais os homens asseguram domínio sobre a natureza” (SORRE, 1984, p. 99-100). Para Monbeig, esta definição de Sorre aponta para o fato de que o geógrafo não deveria excluir os fatores psicológicos dos gêneros de vida, ou seja, “[...] o homem, com suas maneiras particulares de pensar e de sentir. Estas estão ausentes, como se tivesse esquecido que são partes integrantes dos gêneros de vida” (MONBEIG, 1957a, p. 27).

Vários estudos posteriores consagrados à Capistrano de Abreu, principalmente a partir de sua correspondência, acentuam o papel desempenhado por Friedrich Ratzel em sua historiografia²⁰. Em 1944, Alice destacava o pioneirismo de Capistrano em relação à mobilização da geografia.

Capistrano foi o primeiro historiador contemporâneo a tratar da influência do elemento geográfico como fator da conquista, frisando a importância histórica das grandes vias fluviais na formação territorial do país. Muitos problemas econômicos e sociais do drama da dilatação geográfica do território, foram referidos por ele (CANABRAVA, 1944a, p. 13-14).

Além de Friedrich Ratzel (1844-1904), ela aponta para o conhecimento de Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859)²¹; Otto Maull (1887-1957)²²; Sophus Ruge (1831-1903)²³; Oscar Peschel (1826-1875)²⁴;

¹⁸ Esta é uma tradução da primeira parte do artigo originalmente publicado: VIDAL DE LA BLACHE, 1911.

¹⁹ Sobre este geógrafo ver: MEGALE, 1984, p. 7-28. Sobre a obra de Max. Sorre ver: GEORGE, 1967.

²⁰ Em 1927, mesmo sem citar Ratzel mas somente Wappaeus e Sellin, Pandiá Calógeras apontou para a mobilização da moderna geografia alemã por Capistrano e o qualificou de “antropogeógrafo” (CALÓGERAS, 1927, p. 352). Contemporaneamente ver: PEREIRA, 2002. GONTIJO, 2005, p. 169. OLIVEIRA, 2011, p. 263. FALCON, 2011, p. 154. SOUSA, 2012, p. 182-194. GONTIJO, 2013.

²¹ São considerados os primeiros sistematizadores da moderna geografia na Alemanha. Sobre estes dois geógrafos ver: MORAES, 1989.

²² Esteve ligado à geopolítica e foi professor na Universidade de Graz na Áustria. Foi editor da *Revista de Geopolítica* (“Zeitschrift für Geopolitik”) entre 1925-1931. Ver: SILVA, 2003.

²³ Foi um importante geógrafo dedicado à geografia histórica. Seu principal estudo é consagrado à geografia dos descobrimentos, destacadamente portugueses. Consagrado como

Hermann Wagner (1840-1929)²⁵; Friedrich Karl Albrecht Penck (1858-1945)²⁶; Julius Von Hann (1839-1921)²⁷; Johan Eduard Wappaeus (1812-1879)²⁸; Alfred Kirschhoff (1838-1907)²⁹; Wilhelm Ludwig Von Eschwege (1777-1855)³⁰; os irmãos Keller-Leuzinger; Löfgren; Goeldi e Lutzselburg³¹. Assim, Capistrano é responsável, através de traduções e da mobilização desta tradição geográfica, por introduzir o conhecimento da moderna geografia alemã no Brasil, antes da fundação das Faculdades de Filosofia.

A observação geográfica e os conceitos da moderna Geografia iluminaram com interpretações novas o traçado das rotas civilizadoras e permitiram discernir, nos modos de viver, o esforço paciente de adaptação do colonizador em sua experiência sob as condições estranhas do ambiente natural. Até hoje essas análises se mantêm com admirável atualidade científica (CANABRAVA, 2005c, p. 258)³².

Mesmo que a geografia alemã e um de seus fundadores modernos, Friedrich Ratzel³³, não estivessem presentes no programa da cadeira de Geografia da FFCL, percebemos que Alice Canabrava os conhecia. Isso se explica porque durante muitas décadas a geografia de Ratzel foi tratada como determinista, devendo-se tal procedimento à leitura que Lucien Febvre fez da

historiador da geografia, produziu a edição revista e ampliada da “História da Geografia” de Oscar Peschel. Seu necrológio foi publicado nos *Annales de Géographie*: ZIMMERMANN; GALLOIS, 1904.

²⁴ Ver: OLIVEIRA, 2012.

²⁵ Sua definição de geografia como uma ciência regional foi tomada por Hettner como adequadamente científica (SAHR; ARANTES, 2011, p. 127).

²⁶ Geólogo e geógrafo, foi um dos responsáveis pela formulação da geomorfologia alemã, compreendida como o estudo do relevo na perspectiva da paisagem humboldtiana (MOREIRA, 1994).

²⁷ É considerado o pai da meteorologia moderna. Ver: SANT’ANNA NETO, 2001, p. 3-39.

²⁸ “Geografia Física do Brasil” foi publicada como fruto de suas viagens ao Brasil (WALDMAN, 2009, p. 146).

²⁹ Geógrafo preocupado com as clássicas relações entre homem e natureza. Sua principal obra é “Mensch und Erde: Skizze von den Wechselbeziehungen zwischen beiden” (SAHR; ARANTES, 2011, p. 109-110). Traduzida por “O homem e a terra. Esboço das correlações entre ambos”.

³⁰ Viajante-naturalista, esteve em Ouro Preto à serviço da coroa portuguesa. Destacam-se seus estudos geológicos acerca das minas de ferro e diamante (LAMIN-GUEDES, 2010, p. 99-100).

³¹ Todos estes últimos alemães são considerados mais viajantes-naturalistas do século XIX que propriamente geógrafos.

³² Este texto é fruto de uma palestra proferida por Alice Canabrava no III Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, ocorrido na UFRGS entre 14 e 18 de outubro de 1974.

³³ Ratzel é fundador da antropogeografia, que deu origem à geografia humana. A obra de Friedrich Ratzel possui papel fundamental no processo de sistematização da moderna geografia. Ela contém a primeira proposta explícita de um estudo geográfico especificamente dedicado à discussão dos problemas humanos. Foi, assim, de sua autoria, uma das pioneiras formulações – sem dúvida a mais trabalhada – de uma geografia do homem (MORAES, 1990, p. 7). Sobre Ratzel ver: OLIVEIRA, 2012.

obra de Vidal de La Blache, desqualificando toda a tradição geográfica alemã³⁴. Podemos compreender essa operação na perspectiva de que as lembranças da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) ainda estavam bastante presentes para os franceses. Pierre Monbeig mobilizou o conceito de espaço vital³⁵. Mesmo assim, se refere à geografia de Ratzel como “[...] determinismo ratzeliano” (MONBEIG, 1945, p. 1878).

Em seu balanço bibliográfico sobre as bandeiras, a historiadora cita trabalhos inspirados pela antropogeografia de Ratzel. “Tentativas de interpretação do bandeirante à luz de conceitos antropogeográficos e sociais constam em obras de Ellis Junior (*Raça de gigantes*) e de Paulo Prado (*Paulística*)” (CANABRAVA, 1944a, p. 18).

Considerações finais

Procuramos demonstrar como Alice Piffer Canabrava operou com sua dupla formação de historiadora e de geógrafa, uma vez que no início da profissionalização do historiador no Brasil, o curso de História fornecia dupla titulação: em Geografia e História. Sua inquietante angústia, retratada na epígrafe a este artigo, foi equacionada através da incorporação do instrumental geográfico em seus estudos. Assim, mesmo após ter sido preterida para a cátedra de História da Civilização Americana em 1946 e ter migrado para a recém-fundada FCEA, ela continuou mobilizando seus conhecimentos em geografia. Exemplo disso encontramos em sua tese de cátedra que lhe garantiu o posto de primeira mulher catedrática da USP em 1951 na cadeira de História Econômica.

Toda sua formação geográfica foi realizada na tradição vidaliana, com seus destacados discípulos Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig e Emmanuel De Martonne. Mesmo assim, vimos que seus comentários acerca da obra de

³⁴ Trata-se do livro de Febvre de 1922, intitulado “La terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'Histoire”. Nesse livro, Febvre toma partido dos geógrafos no ataque desferido pelo sociólogo durkheimiano François Simiand (DOSSE, 2004, p. 117-118). Febvre criticou e desqualificou duramente a geografia de Ratzel, taxando-a de determinista e imputou à La Blache o qualificativo de possibilista, pela qual o homem não estaria fadado às condições ambientais, mas, através da ciência moderna, poderia interferir no meio. Temos aqui um importante capítulo das apropriações da geografia vidaliana pelos primeiros *annalistes* e o que se tornou comum no pensamento geográfico: a desqualificação da geografia ratzeliana e uma oposição simplista entre esta e a geografia vidaliana.

³⁵ Pierre Monbeig utilizou-se do conceito de espaço vital de Ratzel em: MONBEIG, 1957b, p. 54.

Capistrano de Abreu demonstram seu profundo conhecimento da tradição geográfica alemã. Ademais, também foi condecorada dos geógrafos estadunidenses como Preston Everett James, que esteve várias vezes no Brasil.

Alice Canabrava operou com todas as etapas concernentes ao método vidaliano: escala de análise regional, observação *in loco*, descrição, comparação, classificação e o uso de mapas. Conceitos ou noções como região natural, paisagem, gêneros de vida e técnica. Temáticas caras aos geógrafos também podem ser encontradas em sua produção: ocupação humana, povoamento, habitação, vias de comunicação, aspectos demográficos. A presença de vários campos geográficos: geografia física, geografia econômica, geografia urbana, geografia agrária, geografia cultural... (ERBERELI JÚNIOR, 2014, p. 182-201). Todos estes aspectos trazidos a seu conhecimento pelo importante geógrafo Pierre Monbeig, fundamental na institucionalização da moderna geografia no Brasil.

Desta forma, ao analisarmos toda a produção historiográfica de Alice Piffer Canabrava para o período compreendido entre os anos de 1935, ano de seu ingresso no curso de Geografia e História da FFCL/USP, e 1974, ano de sua última análise historiográfica, pudemos perceber a forte presença da geografia em seus trabalhos. Tal postura não deve causar estranhamento, uma vez que os cursos de Geografia e História no Brasil foram desmembrados somente em 1956. Uma escolha possível para quem cursava Geografia e História nas faculdades brasileiras neste período seria a de ser historiador ou geógrafo. Ou um historiador como Alice, que em sua escrita da história não abriu mão da geografia, ao contrário, “geografava”.

Esperamos ter contribuído, através da análise de uma parte da produção historiográfica de Alice Piffer Canabrava, para a compreensão de um momento ímpar da profissionalização do ofício de historiador no Brasil: os primeiros passos de sua institucionalização na universidade pública e uma particularidade deste processo: a dupla formação em História e Geografia, marca de uma cultura historiográfica singular oriunda da apropriação de matriz francesa que naquele momento concebia como impensável apartar a história da geografia. Não à toa, se nos atentarmos para uma categoria fundamental ao geógrafo, o espaço, podemos perceber que na Faculdade de Filosofia, Letras e

Ciências Humanas (FFLCH) da USP, os departamentos de História e Geografia ocupam o mesmo espaço físico.

Referências

Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935. FFCL, USP, São Paulo: Empreza Grafica da “Revista dos Tribunaes”, 1937.

Anuário da FFCL, 1936. FFCL, USP, São Paulo: Empreza Grafica da “Revista dos Tribunaes”, 1937.

Anuário da FFCL., 1937-1938. FFCL, USP, São Paulo: Empreza Grafica da “Revista dos Tribunaes”, 1939.

Processo 46.1.126.8.7 (Arquivo da FFLCH da USP: inscrição no concurso para a cadeira de História da Civilização Americana, 1946).

CANABRAVA, A. P.; MENDES, M. C. T. A Região de Piracicaba. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, vol. 45, p. 275-328, mar. 1938.

CANABRAVA, A. P. **O Comércio Português no Rio da Prata (1580-1640)**. 1. ed. São Paulo: Boletim XXXV da cadeira de História da Civilização Americana, n. 2, FFCL/USP, 1944.

CANABRAVA, A. P. Ensaio Bibliográfico sobre as Bandeiras. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, Biblioteca Municipal de São Paulo, vol. V, p. 7-20, out./nov./dez. 1944a.

CANABRAVA, A. P. Primeiras notas para um estudo acerca dos bairros no estado de São Paulo. **Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia**. Rio de Janeiro, vol. III, p. 650-652, 1944b.

CANABRAVA, A. P. Ensaio Bibliográfico sobre as Bandeiras. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, Biblioteca Municipal de São Paulo, v. VIII, p. 33-84, jul./ago./set. 1945.

CANABRAVA, A. P. **O Açúcar nas Antilhas (1697-1755)** (1946). 2. ed. São Paulo: Instituto de Pesquisas Econômicas, 1981.

CANABRAVA, A. P. **O Desenvolvimento da Cultura do Algodão na Província de São Paulo (1861-1875)** (1951). 3. ed. São Paulo: EDUSP/ANPUH, 2011.

CANABRAVA, A. P. As Chácaras paulistanas (primeiros estudos) (1953). In: CANABRAVA, A. P. **História Econômica: Estudos e Pesquisas**. 1. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP/ABPHE, 2005a, p. 233-242.

CANABRAVA, A. P. A Grande Propriedade Rural (1960). In: CANABRAVA, A. P. **História Econômica: Estudos e Pesquisas**. 1. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP/ABPHE, 2005b, p. 37-66.

CANABRAVA, A. P. Apontamentos sobre Varnhagen e Capistrano de Abreu. **Revista de História**, São Paulo, v. 43, n. 88, p. 417-424, dez. 1971.

CANABRAVA, A. P. Varnhagen, Martius e Capistrano de Abreu. (1980) In: CANABRAVA, Alice Piffer. **História Econômica: Estudos e Pesquisas**. 1. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP/ABPHE, 2005c, p. 245-270.

CANABRAVA, A. P. **Entrevista**. São Paulo: Museu da Imagem e do Som, Estudos Brasileiros, rolo 116.27 A-0150, 1981.

CANABRAVA, A. P. O Caminho Percorrido (1984). In: CANABRAVA, A. P. **História Econômica: Estudos e Pesquisas**. 1. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP/ABPHE, 2005, p. 23-34.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. S. de. **A Geografia e os geógrafos do IBGE no período 1938-1998**. 2000. 634 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

ARRUDA, J. J. de A. Alice Canabrava: História e Mito. In: CANABRAVA, A. P. **O Desenvolvimento da Cultura do Algodão na Província de São Paulo (1861-1875)**. 3. ed. São Paulo: EDUSP/ANPUH, 2011, p. 9-70.

ARRUDA, J. J. de A. Alice Canabrava: história e mito. In: ARRUDA, J. J. de A. **Historiografia: Teoria e Prática**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2014, p. 97-165.

AZEVEDO, A. de. A Geografia em São Paulo e sua Evolução. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 81, p. 57-76, mai. 2005.

BRUNHES, J. **La géographie humaine**. 1. ed. Paris: Alcan, 1910.

BRUNHES, J.; VALLAUX, C. **La géographie de l'histoire. Géographie de la paix et de la guerre sur terre et sur mer**. 1. ed. Paris: Gallimard, 1948.

CALÓGERAS, J. P. [Necrológio de Capistrano de Abreu]. Atas da 6ª Sessão Ordinária, 13/09/1927. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, tomo 101, vol. 155, p. 344-345, 1927.

CUSTÓDIO, V. **Fundamentos teórico-metodológicos do ensino e da pesquisa em Geografia**: textos selecionados das primeiras publicações da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – GEOGRAFIA (1935-1936) e BOLETIM DA AGB (1941-1944). São Paulo: AGB, 2012.

DEFFONTAINES, P. Recherche sur les types de peoplemente dans l'Etat de S. Paul (Brésil). **Bulletin de l'Association des Géographes Français**, n. 87, p. 66-71, abr. 1935.

DEFFONTAINES, P. Geografia Humana do Brasil (capítulo I). **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 19-67, jan. 1939.

DEFFONTAINES, P. O que é a Geografia Humana. **Boletim do Conselho Nacional de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 13-17, jun. 1943.

DEFFONTAINES, P. Regiões e paisagens do Estado de São Paulo. Primeiro esboço de divisão regional. **Boletim Geográfico**, São Paulo, ano II, n. 24, p. 1837-1850, mar. 1945.

DE MARTONNE, E. Problème des regions arides Sud-américaines. **Annales de Géographie**, Paris, t. 44, n. 247, p. 1-27, jan. 1935.

DE MARTONNE, E. O RELATORIO DO PROF. DE MARTONNE. In: **Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1937-1938**, 1938, p. 118-122.

DE MARTONNE, E. As Regiões Áridas da América do Sul. In: **Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1937-1938**, 1938, p. 70-71.

DOSSE, F. **História e Ciências Sociais**. Tradução: Fernanda Abreu. 1. ed. Bauru: Edusc, 2004.

ERBERELI JÚNIOR, O. **A escrita da história entre dois mundos: uma análise da produção de Alice Piffer Canabrava (1935-1961)**. 2014. 243p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014.

ERBERELI JÚNIOR, O. De preterida à preferida: considerações em torno da trajetória intelectual de Alice Piffer Canabrava (1935-1951). **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 22, p. 97-115, dez. 2016.

FALCON, F. J C. Capistrano de Abreu e a historiografia científica: entre o positivismo e o historicismo. In: NEVES, L. M. B. P. das et al. (org.). **Estudos de Historiografia Brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 151-161.

FERREIRA, M. de M. **A História como ofício: a constituição de um campo disciplinar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

GLEZER, R. (org.). **Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GONTIJO, R. História e historiografia nas cartas de Capistrano de Abreu. **História**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 159-185, 2005.

GONTIJO, R. **O Velho vaqueano**. Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

IUMATTI, P. T.; SEABRA, M. F.; HEIDEMANN, H. (org.). **Caio Prado Jr. e a Associação dos Geógrafos Brasileiros**. 1. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

KNECHT, T. Os minerais e minérios do Estado de São Paulo. **Boletim da Agricultura** (único), São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, 93p. il., 1934.

LAMIN-GUEDES, V. Uma análise histórico-ambiental da região de Ouro Preto pelo relato de naturalistas-viajantes do século XIX. **Filosofia e História da Biologia**, São Paulo, v. V, n. 1, p. 97-114, 2010.

LIRA, L. A. de. **O primeiro esboço do método geográfico de Paul Vidal de la Blache a partir dos estudos do Mediterrâneo**. Permanências e rupturas no contexto de institucionalização da Geografia (1872-1918). 2012. 228 p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTINEZ, P. H. Admirável mundo novo (1934-1935). In: MARTINEZ, P. H. **A dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Jr (1928-1935)**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 163-218.

MEGALE, J. F. **Geografia e sociologia em Max. Sorre**. 1. ed. São Paulo: IPE/USP, 1983.

MEGALE, J. F. A Geografia torna-se uma ciência social. In: MEGALE, J. F. (org.). **Max. Sorre**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 7-28.

MELLO, A. R. de. Apresentação. In: CANABRAVA, A. P. **O Comércio Português no Rio da Prata (1580-1640)**. 1. ed. São Paulo: Boletim XXXV da cadeira de História da Civilização Americana, n. 2, FFCL/USP, 1944.

MENDIBIL, D. O Sistema Iconográfico da Geografia Clássica Francesa e Pierre Monbeig. In: SALGUEIRO, H. A. (org.). **Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira: a dinâmica da transformação**. 1. ed. Bauru: Edusc, 2006, p. 233-247.

MONBEIG, P. Orientação didática. In: **Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935**, 1937, p. 105-112.

MONBEIG, P. Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 38, p. 119-121, mai. 1946.

MONBEIG, P. A divisão regional do Estado de São Paulo. **Anais da Associação dos Geógrafos brasileiros**, São Paulo, Serviço Geográfico IBGE, v. 1, p. 19-36, 1949.

MONBEIG, P. Os problemas de divisão regional em São Paulo. In: MONBEIG, P. **Novos estudos de Geografia Humana brasileira**. 1. ed. São Paulo: difusão européia do livro, 1957, p. 125-153.

MONBEIG, P. (1953). Os modos de pensar na Geografia Humana. In: MONBEIG, P. **Novos estudos de Geografia Humana brasileira**. 1. ed. São Paulo: difusão européia do livro, 1957a, p. 26-32.

MONBEIG, P. (1940). O estudo geográfico das cidades. In: MONBEIG, P. **Novos estudos de Geografia Humana brasileira**. 1. ed. São Paulo: difusão européia do livro, 1957b, p. 33-77.

MORAES, A. C. R. **A gênese da Geografia Moderna**. 1. ed. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1989.

MORAES, A. C. R. A Antropogeografia de Ratzel: indicações. In: MORAES, A. C. R. (org.). **Ratzel**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1990, p. 7-27.

MORAES, A. C. R. **Geografia: uma pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MOREIRA, R. **O que é Geografia**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, J. R. de. **Um historiador em formação: os primeiros anos da vida intelectual de Capistrano de Abreu (1875-1882)**. 2011. 309 p. Tese (Doutorado em História das Ciências e Saúde Pública) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, R. D. **A Geografia pós-unificação territorial alemã: Oscar Pechel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner**. 2012. 99 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

OZOUF-MARIGNIER, M. Um Domínio Contestado: A Geografia Psicológica no tempo de Pierre Monbeig. In: SALGUEIRO, H. A. (org.). **Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira: a dinâmica da transformação**. 1. ed. Bauru: Edusc, 2006, p. 57-85.

PEREIRA, D. M. **Descobrimentos de Capistrano: a História do Brasil a grandes traços e largas malhas**. 2002. 194 p. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

PRADO JR, C. Distribuição da propriedade fundiária no Estado de São Paulo. **Geografia**, São Paulo, ano I, n. 1, p. 52-68, 1935.

PRADO JR, C. Distribuição da propriedade fundiária no Estado de São Paulo. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano III, n. 29, p. 692-700, ago. 1945.

PRADO JR, C. O fator geográfico na formação e desenvolvimento da cidade de São Paulo. In: PRADO JR, C . **Evolução Política do Brasil e outros estudos**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.

RIBEIRO, G. **Espaço, tempo e epistemologia no século XX: A Geografia na obra de Fernand Braudel**. 2008. 383 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

RIBEIRO, G. Luta pela autonomia e pelo território: Geografia e os Estados alemão e francês na virada do século XIX ao XX. **Mercator**. Fortaleza, ano 8, n. 15, p. 19-28, jun. 2009.

ROIZ, D. da S. **A institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1934-1956**. 2004. 159 p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2004.

SAHR, W.; ARANTES, L. A profusão das teorias espaciais e a fusão do espaço geográfico: Alfred Hettner e o projeto Corológico. **GEOgraphia**, Niterói, n. 25, p. 106-135, jan. 2011.

SANT’ANNA NETO, J. L. **Contribuição para uma releitura da História da Climatologia no Brasil: gênese, paradigmas e a construção de uma Geografia do Clima**. 2001. 52 p. Tese (Livre-docência em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2001.

SEABRA, M. F. Os primeiros anos da Associação dos Geógrafos Brasileiros: 1934-1945. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 22, p. 39-51, jan./jul. 2004.

SILVA, A. B. A Geopolítica alemã na República de Weimar: o surgimento da Revista de Geopolítica. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 1-15, dez. 2003.

SILVA, P. T. S. G. da. **A Associação Nacional dos Professores Universitários de História: espaço de identificação profissional e legitimação do saber histórico (1961-1977)**. 334 p. 2014. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SOUSA, R. A. S. de. **Capistrano de Abreu: História Pátria, Cientificismo e Cultura – A construção da História e do Historiador**. 2012. 309 p. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

TAUNAY, A. Prefácio. In: CANABRAVA, A. P. **O Comércio Português no Rio da Prata (1580-1640)**. 1. ed. São Paulo: Boletim XXXV da cadeira de História da Civilização Americana, n. 2, FFCL/USP, 1944, p. IX-XI.

VIDAL DE LA BLACHE, P. Les genres de vie dans La géographie humaine. **Annales de Géographie**, Paris, n. 111, p. 193-212, mai. 1911.

VIDAL DE LA BLACHE, P. Os gêneros de vida na Geografia Humana. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 113-130, fev. 2005.

WALDMAN, T. C. **Moderno Bandeirante: Paulo Prado entre espaços e tradições**. 2009. 236 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ZIMMERMANN, M.; GALLOIS, L.. Sophus Ruge. **Annales de Géographie**, Paris, n. 68, p. 178, 1904.